

## BREVE DIÁLOGO SOBRE O CONCEITO DE LUGAR A PARTIR DAS CORRENTES CRÍTICA E FENOMENOLÓGICA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

### BRIEF DIALOGUE ON THE CONCEPT OF PLACE FROM THE CRITICAL AND PHENOMENOLOGICAL CHANNEL OF GEOGRAPHICAL THINKING

### BREVE DIÁLOGO SOBRE EL CONCEPTO DE LUGAR A PARTIR DE LAS CORRIENTES CRÍTICA Y FENOMENOLÓGICA DEL PENSAMIENTO GEOGRÁFICO

Fernando Henrique de Araujo Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho teve como objetivo principal desenvolver um diálogo sobre o conceito de lugar a partir da visão de autores da corrente humanista e corrente crítica do pensamento geográfico, partindo-se de um breve levantamento bibliográfico. A abordagem visa relacionar as duas diferentes visões a cerca do conceito de lugar, principalmente perante o paradigma da contemporaneidade. Para que fosse possível cumprir os objetivos principais, foram selecionadas algumas obras que abordam o conceito supracitado ressaltando o ponto de vista de cada corrente do pensamento. Após a reunião do referencial teórico, foram estabelecidos alguns pontos em comum entre eles, bem como as principais diferenças de perspectiva e, os desafios que os processos globais determinam para o estudo em torno das identidades locais no mundo contemporâneo.

**PALAVRAS CHAVES:** Lugar; crítica; fenomenologia; pensamento geográfico.

**ABSTRACT:** The main objective of this work was to develop a dialogue about the concept of place based on the vision of authors of the current humanist and critical current of geographic thought starting with a brief bibliographical survey. The approach aims to relate the two different visions to the concept of place, especially in the contemporary paradigm. In order to achieve the main objectives, some works were selected that address the aforementioned concept, highlighting the point of view of each stream of thought. After meeting the theoretical framework some common points were established between them, as well as the main differences of perspective and the challenges that global processes determine for the study of local identities in the contemporary world.

**KEYWORDS:** Place; criticism; phenomenology; geographic thought.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente/SP. E-mail: feraraujo602@gmail.com

**RESUMEN:** El presente trabajo tuvo como objetivo principal desarrollar un diálogo sobre el concepto de lugar a partir de la visión de autores de la corriente humanista y corriente crítica del pensamiento geográfico partiendo de un breve levantamiento bibliográfico. El enfoque busca relacionar las dos diferentes visiones a cerca del concepto de lugar, principalmente ante el paradigma de la contemporaneidad. Para que fuera posible cumplir los objetivos principales fueron seleccionadas algunas obras que abordan el concepto arriba mencionado resaltando el punto de vista de cada corriente del pensamiento. Después de la reunión del referencial teórico se establecieron algunos puntos en común entre ellos, así como las principales diferencias de perspectiva y, los desafíos que los procesos globales determinan para el estudio en torno a las identidades locales en el mundo contemporáneo.

**PALABRAS CLAVES:** Lugar; crítica; fenomenología; pensamiento geográfico.

## INTRODUÇÃO

O conceito de lugar e sua história na geografia colocam em questão diversos pontos e contrapropostas formuladas pelo pensamento geográfico e que reúne diferentes autores. Inicialmente utilizado apenas como sinônimo de local para Vidal de La Blache, este conceito ganhou novos contornos com o passar do tempo. Desde a eclosão da geografia humanista com uma proposta de pensamento fenomenológico, essa temática passou por diversas obras emblemáticas. Contribuições que reformularam a busca sobre o significado de lugar também foram elaboradas pela corrente materialista histórica e dialética, expressando o pensamento crítico das ciências sociais e pensadores contemporâneos.

Pensar o lugar enquanto fundamental para a coesão dos conceitos geográficos é também pensar o seu caráter contraditório, mapear um jogo de escalas que se conectam por fluxos vivos no espaço, (SANTOS, 2005). Pares contrários como o singular e o plural, homogêneo e heterogêneo, projetam o paradigma das identidades (e perda) de um sentido global de lugar para além das entrelinhas da percepção e, situa os processos históricos como parte da construção das características mais marcantes que fazem com que o espaço torne-se lugar ou assim deixe de ser (não-Lugar). (CARLOS, 1996) Fato é que toda essa discussão vai de encontro a objetivos concretos, como entender o lugar para planejar políticas que visem à valorização dos

espaços, pensar a qualidade de vida das pessoas e qual a real identidade da geografia como ciência de interface.

Os tópicos abaixo foram estruturados de acordo com a diferenciação entre as propostas dos pensamentos crítico e fenomenológico em relação ao conceito de lugar perante o paradigma da contemporaneidade. Primeiramente, estão explicitadas as principais contribuições teóricas a cerca da perspectiva experiencial desenvolvida por Tuan (2013) em que o autor trabalha a questão da subjetividade das relações entre os sujeitos e os lugares, sob uma ótica fenomenológica.

Os tópicos seguintes abordam alguns pontos essenciais que descrevem a visão da geografia crítica sobre o conceito de lugar, o relacionando com os processos de transformação dos espaços em interface com fenômenos que acontecem na escala global. Posteriormente, é concebido um exercício de análise que visa estabelecer pontos em comum entre as duas visões sobre o mesmo conceito e, assim, proporcionar reflexões inerentes à realidade objetiva no mundo contemporâneo.

## GEOGRAFIA HUMANISTA E PERSPECTIVA EXPERIENCIAL

Muitas formulações elaboradas sobre o conceito de lugar estão reconhecidas no que se chama de geografia humanista e existencialista, pautadas sobre orientação de correntes de pensamento fenomenológicas. Filósofos como Heidegger, que se debruçaram sobre o paradigma do ser, forneceram por meio das características da individualidade, relatividade e complexidade, subsídios para um entendimento do mundo a partir das experiências do cotidiano, seus reflexos e formas de representação (FERREIRA, 2000).

Esse caráter subjetivo que se disseminou nos trabalhos dos geógrafos humanistas, tornou-se um palco para formulações complexas sob o significado do conceito de lugar e, qual a sua essência. Alguns deles como Sauer e Tuan tiveram destaque nesse caminho que ganhou força na década de oitenta e se disseminou no Brasil em meados de noventa (FERREIRA, 2000).

Uma breve, mas esclarecedora revisão bibliográfica é feita por Ferreira (2000) em seu artigo "Acepções recentes do conceito de lugar e sua Importância para o mundo Contemporâneo". O autor escreve sobre o processo de construção e desdobramentos sobre o conceito de lugar, entendendo-o como fundamental para a

geografia contemporânea. Descreve certa cronologia entre as fases do pensamento geográfico e suas influências sobre o paradigma da percepção.

Dessa forma, pode-se melhor entender a evolução das teorias sobre esse conceito tão complexo a partir da geografia clássica até que se chegue aos geógrafos humanistas. Segundo as contribuições de Ferreira (2000) a definição de lugar postulada pelos geógrafos clássicos limitava-se ao caráter locacional, ou muitas vezes fechado em si mesmo, dando pouca importância para a complexidade das percepções em constante evolução a partir do relacionamento entre o corpo humano com o espaço.

É compreensível que em função do contexto histórico a geografia clássica tenha tido muitas limitações na formulação de teorias sobre o conceito de lugar. Algumas décadas depois o assunto seria tratado como epicentro de teorias baseadas no pensamento fenomenológico e o aproximando com a interpretação da “paisagem cultural”.

Com a evolução do pensamento geográfico humanista, os mergulhos em direção ao universo da percepção foram ampliados em relação à subjetividade das relações humanas. As questões de afetividade, estabilidade e segurança emocional, por exemplo, são abordadas em emblemáticas obras de Tuan que trabalham o significado de lugar. Sob essa perspectiva, as relações subjetivas entre a percepção e representação dos sujeitos para com seus espaços vividos estão intimamente ligadas com seus sistemas de crenças e condições de vida.

## PERSPECTIVA EXPERIENCIAL

A perspectiva experiencial proposta por Tuan (2013) é uma das abordagens mais conhecidas acerca da complexidade que envolve a definição do que é lugar para a geografia contemporânea. Abrange muitas formulações de outros geógrafos humanistas e contrapõe abordagens de outras correntes do pensamento geográfico. É sem dúvida uma valiosa contribuição para as ciências modernas no paradigma da contemporaneidade em áreas como a geografia, sociologia e arquitetura por exemplo.

Tempo e espaço aparecem inevitavelmente em sua obra como categorias indissociáveis, porém, com caráter relativo. A inclinação fenomenológica presente nas obras de Tuan que abordam esse assunto busca a todo o momento descrever o lugar

como objeto em construção, através da sobreposição dos sentidos humanos formadores de noções espaciais. As relações e percepções na construção de uma identidade sobre um conjunto de objetos dá origem a essa concepção de um conceito espacializante. De acordo com a lógica de Tuan (2013) o corpo humano levado ao máximo de seu significado é o foco de todo o processo da construção de intimidade entre os sujeitos e os lugares.

Seguindo essa ótica experiencial, apresentada por Tuan (2013) por alguns motivos inibidores da percepção, as experiências podem ser limitadas em casos como, por exemplo, de pessoas portadoras de deficiências físicas. Entretanto, alguns deficientes possuem capacidade de potencializar os outros sentidos humanos, adquirindo habilidades com o constante exercício. Segundo o autor supracitado, dos cinco sentidos humanos, a visão é o que melhor possibilita a noção de espaço, seguida pela audição, complementares são o tato, olfato e paladar.

Com a concepção da função sensorial humana descrita por Tuan (2013) pode-se deduzir que a individualidade das experiências são inevitáveis e cruciais na construção de um sentido maior e da percepção e representação dos lugares pelas pessoas. Os impactos sensoriais, (TUAN, 2013), são construtores que rompem a rigidez da desatenção cotidiana com o mundo ao redor dos sujeitos e imprimem na memória humana um relacionamento com as formas de expressão que sobressaem à rotina.

Sejam positivos ou negativos, os estímulos estão por toda parte, mas são negligenciados pela rotina cotidiana. Por isso, eventos apoteóticos podem permanecer vivos nas lembranças, justamente por serem atípicos se comparados com os ritos diários que acomodam a percepção dos movimentos transformadores da realidade.

Duas obras de Yi Fu Tuan são grandes referências para o entendimento das relações entre espaço, lugar e afetividade. São elas: "Topofilia" e "Espaço e Lugar". Como descreve Oliveira (2013) Topofilia significa o estudo da percepção, atitudes e valores de um meio ambiente. Elo afetivo entre as pessoas e a natureza, onde a percepção está no cerne das preocupações geográficas: as sensações, experiências, sentimentos e anseios. Nessa perspectiva, a percepção é ação e estende-se para o mundo como uma linguagem de sinais e de símbolos. Sustenta a ideia de que cada

indivíduo estrutura seu espaço geográfico em torno de si próprio como característica universal.

Na obra Espaço e Lugar encontram-se notáveis influências na tradução da perspectiva experiencial e no estudo das relações humanas com o espaço, na construção de uma ótica fenomenológica sob o conceito de lugar. Nessa obra, evidencia-se claramente uma tendência em se diferenciar os dois conceitos a partir das relações de afeto e familiaridade: O espaço vivido passa ser lugar, a partir das relações subjetivas dos sujeitos com o meio.

Muitas questões requerem atenção para que não se generalize determinados processos, como se fossem homogêneos. As diferenciações entre os sujeitos e suas relações espaciais se distinguem de infinitas formas, em que algumas se dão a priori como: Gênero, idade e classe social por exemplo (TUAN, 2013).

A expressão encontrada na obra de Tuan (2013) em que diz que o lugar é uma “pausa no movimento” remete ao caráter temporal na delimitação dos espaços vividos. A permanência, por exemplo, é um desses fatores decisivos para a conceituação da perspectiva experiencial. É uma forma de fixação de valores em uma sucessão de experiências. Portanto, a afetividade construída através da permanência das pessoas nos lugares é o conteúdo intrínseco no convívio humano com os objetos e pessoas. Sem os sentimentos, representação e estabilidade o lugar torna-se uma simples localidade (TUAN; OLIVEIRA 2013).

Dessa forma, os lugares estão em constante evolução em seu significado para os sujeitos ou grupos e sua escala acompanha os diferentes movimentos dos valores no imaginário das pessoas. Pode-se dizer que essa definição exige memória em uma construção constante de significados subjetivos que não estão isolados da lógica dos períodos que a história sobrepõe nas mudanças de comportamento, caráter social e principalmente cultural nas diferentes sociedades humanas.

## GEOGRAFIA CRÍTICA, LUGAR E GLOBALIZAÇÃO.

Assim como a contribuição dos geógrafos humanistas proporcionaram uma grande evolução sobre as questões principais a se pensar quando se quer entender as relações espaciais entre as pessoas e seus ambientes, a geografia crítica ora

complementa ora contrapõe os postulados supostos pela fenomenologia sobre o conceito de lugar.

Algumas características da geografia crítica como historicidade, contextualização socioeconômica e a crítica propriamente dita submetem o conceito de lugar a comparações de suas características sobre um prisma amplo de interferências, produções e reproduções do espaço e seus elementos. Nesse sentido, o materialismo histórico e dialético estabelece diferenciações que tem caráter decisivo sobre a natureza do espaço. O arcabouço teórico nesse campo do conhecimento geográfico é composto por referências de peso, como Massey (2000), Santos (2005) e Carlos (1996).

O processo de globalização nessa perspectiva aparece como um elemento decisivo para os rumos dos lugares, pois redefine as características espaciais e seus tentáculos sociais, culturais e políticos, posicionando dessa forma o lugar como integrante de uma rede na grande “aldeia global” (CARLOS, 1996).

Assim, as novas tecnologias e formas de circulação de pessoas, mercadorias, capital e informações redefinem o sentido de lugar, hora o fortalece hora o fragiliza e até mesmo o aniquila (não Lugares) em sua essência característica e o recria de acordo com o que as forças hegemônicas exigem (MASSEY 2000).

Essa abordagem crítica está longe de ser tomadora de uma posição maniqueísta. Ao contrário, faz diversos apontamentos complexos sobre a relação da escala local com o comando territorial. Santos (2005) ao descrever o meio técnico científico e informacional, reforça a ideia de uma globalização acelerada e vai de encontro ao pressuposto marxista descrito por Massey (2000) em que o período pós-moderno é marcado pela compressão temporo-espacial, onde existe uma constante sobreposição do tempo sob o espaço.

No centro dessa possibilidade, ganha peso os elementos de circulação e transformação do espaço, tais como a mobilidade e atuação de determinados setores globais. Nesse sentido, Santos (2005) e Massey (2000) reforçam o olhar sobre as influências dos fatores externos sobre as formas de pensar dos sujeitos em relação ao lugar, as condições geográficas e a herança histórica, por exemplo.

## O LOCAL E O GLOBAL

Muitas são as constantes influências da dinâmica global sobre os diferentes lugares e como seus habitantes os concebem (CARLOS, 1996). De acordo com Massey (2000) é necessário que se modifique uma visão reacionária acerca de algumas formas de afirmar uma identidade local e que se deve conceber uma proposta de lugar aberto para o mundo se diferenciando de uma concepção conservadora. Para a autora, muitos discursos sobre identidade estão baseados em uma visão nostálgica ou muitas vezes arcaica dos lugares, principalmente quando estes são considerados na escala da nação. Isso explica, em partes, o preconceito de muitas pessoas com os emigrantes e refugiados por exemplo.

Sob essa linha de raciocínio, pode-se colocar em cheque até mesmo o modo como é pensado o espaço, como se internalizam interesses que são na verdade formas etnocêntricas de pensamento e são representados como se fossem preciosos. Assim é necessário que se conheça espaços de memória, como museus e monumentos, sejam construídos ou naturais, para ter sempre ao alcance os processos históricos e para que se aceite que a vida é dinâmica e que o global está no local e vice-versa (MASSEY, 2000).

Sundo Massey (2000) para afirmar uma identidade sem que o discurso seja reacionário e introspectivo, deve-se valorizar a história dos lugares e os considerarem como colaboradores de outras escalas ressaltando assim sua importância. A chamada compressão do espaço pelo tempo na era contemporânea não acontece de forma equilibrada em todas as regiões do globo e não é apreendida igualmente pelas diferentes classes sociais.

De acordo com Santos (2005) os capitalistas e chefes de Estado possuem maior capacidade de mobilidade e influência no espaço e assim contribuem para novas definições na vida cotidiana de outros grupos em que se é diferente as relações temporais comparado ao nível dos centros de decisões.

Nesse sentido, Santos (2005) e Massey (2000) reforçam o olhar sobre as influências dos fatores externos sobre as formas de pensar dos sujeitos em relação ao lugar, as condições geográficas e a herança histórica, por exemplo. Nas metrópoles do mundo todo existem exemplos de que um lugar pode ter vários sentidos e funções ou até mesmo tornar-se um não-lugar, perdendo sua essência e evoluindo para apenas fonte de reprodução de investimentos financeiros (CARLOS, 1996).



É certo que nesse debate se fazem necessário considerar a simultaneidade dos processos temporos-espaciais e compreender seu caráter dinâmico e complexo. Assim descreve Massey sobre a complexidade espacial que redefine os fluxos de pessoas e mercadorias e influencia diretamente na formação de identidades locais com desdobramentos diferentes:

Imagine por um instante que você está no satélite bem longínquo e para além de todos os outros existentes; você pode ver o planeta Terra a distância e, de modo raro para alguém com intenções pacifistas está equipado com um tipo de tecnologia que permite ver a cor dos olhos das pessoas e os números de suas placas de carro. Você pode ver todo o movimento e sintonizar toda a comunicação que ocorra. Mais distantes estão os satélites, depois, os aviões, a longa viagem entre Londres e Tóquio e o “pulo” entre San Salvador e a cidade da Guatemala. Uma parte disso é gente em movimento, outra, comércio físico; outra transmissão por meios de comunicação. Há fax, e-mails, redes distribuidoras de filmes, fluxos e transações financeiras. Aproxime o olhar e encontrará navios, trens e, em algum lugar da Ásia, uma maria-fumaça subindo com dificuldade as colinas. Aproxime ainda mais o olhar e verá caminhões, carros e ônibus, e um pouco mais próximo, em alguma parte da África, há uma mulher caminhando descalça que continua a gastar horas por dia para buscar água (MASSEY. 200, p., 178).

Esse trecho do artigo “Um sentido global do Lugar” é um exemplo de que os espaços são desiguais e, portanto, assim também são os lugares; que a complexidade é o elo entre eles e que dessa forma se deve abandonar concepções maniqueístas, modelos preconcebidos na formulação e na interpretação do significado de lugar para a ciência geográfica. O caráter simultâneo tanto no tempo como no espaço torna a avaliação dos processos difícil de chegar a consensos sobre uma única natureza.

A corrente de pensamento crítica baseia-se na análise dialética sobre o conceito de lugar: ela o situa na história das sociedades e atualiza a questão para o mundo moderno e contemporâneo. Alguns temas ganham importância central no entendimento do que é o lugar no mundo, tais como: lugar e Globalização, urbanização, desconstrução, cidadania, desenvolvimento e transformações científicas. Nesse sentido, Ana Fani apresenta concepções sobre o tema através da situação das ruas nas metrópoles brasileiras e a construção dos “não-lugares” pela indústria do turismo.

Também sobre a perspectiva crítica e estruturalista, Milton Santos evidencia as influências e evoluções do lugar na globalização e o conteúdo técnico, científico e informacional que atuam através das redes de circulação e conexão, estabelecendo

seus fluxos sobre o espaço geográfico que engloba a identidade dos homens com seus lugares ou espaços de vida.

Tais abordagens complementam a exposição humanística de Tuan sobre a perspectiva experiencial e proporciona a possibilidade de relacionamento entre as demais escalas geográficas. A influência da globalização sobre a vida das pessoas é um dos princípios da contribuição da corrente crítica sobre o processo de permanência identitária das pessoas com os lugares. Bem como as formas de resistência à incorporação dos espaços pela lógica do capitalismo global.

Esse debate gira em torno dos processos internos e externos mediados pelos sujeitos na construção de identidades funcionais sintonizadas com o movimento dominante do sistema de produção econômico e estruturas sociais (SANTOS 2005).

O local e o global medem forças na produção dos espaços, onde o tempo ganha caráter decisivo na definição de identidades. As comunidades tradicionais, por exemplo, veem sua cultura e locais sagrados perderem espaço na medida em que as novas tendências se sobrepõem a cultura dos mais jovens. São muitos os exemplos que evidenciam a ação de agentes e forças externas aos lugares, através da imposição econômica e sociocultural.

## CONFLUÊNCIAS ENTRE AS CORRENTES CRÍTICA E FENOMENOLÓGICA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO ACERCA DO CONCEITO DE LUGAR: FORMA E CONTEÚDO

As esferas do subjetivo e do objetivo compõem o espaço geográfico (SANTOS, 2005) E, portanto, todos os conceitos que dele derivam. O lugar assim definido é dotado por conteúdo específico que se sobressai as suas formas. Segundo Tuan (2013) os menores espaços podem ser considerados como lugar, sistema de objetos que atribuem sentido e sentimentos para as pessoas. Concomitantemente, segundo Santos (2005), a psico-esfera e a tecno-esfera agem sobre a consciência e atitudes dos sujeitos, no fluxo diário de informações e funções relativo ao ritmo temporal em que cada um está inserido socialmente, culturalmente e geograficamente.

As transformações que ocorrem em função das estruturas de classe, redirecionam parcelas significantes da realidade. O capitalismo transforma o espaço em mercadoria (CARLOS, 1996) e assim redefine seu valor e posicionamento. As

comunidades e atores participam dos movimentos do capital e os seus territórios também são inseridos na lógica global e tornam-se vulneráveis às mazelas sociais.

No espaço, as formas podem perder a sua função e representatividade. No cerne da questão simbólica é onde mora a essência dos lugares. Sem a perspectiva experiencial o conteúdo é incompleto e as formas obsoletas. Se faz necessário ao pesquisador que ele se permita mergulhar no objeto diversas vezes sob perspectivas diferentes.

## CONCLUSÕES

A busca literária sobre uma definição única de lugar é uma odisséia fadada ao fracasso. O caráter geográfico desse conceito aparece a todo o momento sob o pressuposto dialético entre ser e sentir, objetivo e subjetivo, representação e expressão. O que parece ser o ponto de ligação entre as diferentes correntes epistemológicas que estudam esse conceito é seu caráter híbrido e contraditório. As questões relacionadas ao tema desse trabalho remetem-se ao papel da geografia e sua contribuição para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Entre a visão da experiência e o caráter global está o posicionamento do observador que não é neutro. Pensar o lugar, para o momento histórico presente é pensar na qualidade de vida, no meio ambiente, nos espaços virtuais, na saúde mental, na especulação imobiliária, na perda de identidade, nas emoções humanas e em uma geografia sensível.

A partir da breve experiência que se desdobrou na presente pesquisa pode-se dizer que o lugar na geografia contemporânea é uma “pedra preciosa” que precisa de cuidados para ser lapidada. Fazem-se necessários então, pragmatismo e cautela ao se debruçar sobre o paradigma contemporâneo e as principais transformações na estrutura social e psíquica das sociedades humanas.

O campo de estudo das ciências espaciais é amplo e profundo. Muitas são as áreas do conhecimento que podem ser beneficiadas com um melhor entendimento sobre construção de identidades de diferentes perfis humanos. Nesse sentido, a geografia tem, no nosso entendimento, a responsabilidade de puxar a fila para elevar a discussão a um patamar holístico e interdisciplinar. Seja de inclinações humanísticas

ou críticas os geógrafos e estudiosos do lugar possuem importantes ferramentas para o diálogo entre ciências com objetos e métodos diferentes.

Como uma das principais conclusões dessa breve pesquisa em torno desse conceito espacial, fica a ideia de que não existem certezas absolutas em relação ao universo da percepção ou a profundidade e alcance das transformações impostas pelo sistema socioeconômico dominante e seus desdobramentos sobre a vida das pessoas. É necessário, portanto, que se entenda o sentido maior de certos elementos e ao mesmo tempo não os tomar como totalidade. Perante o paradigma da contemporaneidade onde novos elementos como o espaço virtual surgem de maneira desafiadora para o universo científico, principalmente nas ciências sociais, se faz necessário praticar o constante exercício da observação direcionada por métodos definidos.

As redes sociais constroem uma noção de espaço desafiadora aos olhos dos observadores. Nesse sentido, além dos pressupostos trabalhados pelas diferentes correntes do pensamento acerca do conceito aqui supracitado existe uma enorme possibilidade de abordagens para trabalhar com o que apresenta a complexidade de um mundo conectado a redes de informação.

As contribuições dos geógrafos humanistas e críticos podem servir como subsídio para que se possa compreender a percepção do tempo perante o avanço das tecnologias de comunicação e aproximação dos espaços perante um processo constante de globalização impulsionada por forças corporativas.

Portanto, o presente estudo, baseado no diálogo entre duas correntes do pensamento geográfico com perspectivas diferentes, teve como objetivo principal estabelecer uma ponte entre ambas às formas de enxergar o que é o lugar enquanto conceito geográfico e, ao mesmo tempo, situa-lo frente às novas concepções de vida e relações espaciais entre as pessoas para com objetos e paisagens, construindo o que se entende por ser o lugar, longe de concepções pré-concebidas pelo senso comum.

Muitos tópicos importantes não foram abordados nesse trabalho, pela questão simples de tempo e pelo próprio objetivo por nós planejado, de relacionar as duas principais correntes do pensamento geográfico que, discutem em diversas obras o conceito de lugar, principalmente perante as diversas transformações impostas pelo

constante fluxo de informações que ressignificam diariamente os espaços de vida das diferentes comunidades ao redor do planeta.

Espera-se, principalmente, que o trabalho aqui exposto possa contribuir, de forma simples, com o desenvolvimento do pensamento geográfico e subsidiar ferramentas para o planejamento territorial, realizado de forma horizontal, em que se consideram as diferentes culturas e percepções da realidade, inspiradas pela diversidade de sujeitos sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTOR, M. **O espírito do lugar**. Tradução de Rui Guedes da Silva. Lisboa: Arcádia, 1963.
- CARLOS, A. F. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FERREIRA, L. F. Acepções Recentes do Conceito de Lugar e sua Importância para o Mundo Contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, Ano V, n. 9, p. 68-63, jul./dez. 2000.
- MASSEY, D. Um sentido Global de Lugar. In: **O espaço da diferença**. In: ARANTES, A. (Org.). Campinas, São Paulo. Papiros: 2000. p. 176-185.
- MERLEAU, P. M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: 2006.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Londrina: Ed. da UEL, 2013.
- OLIVEIRA, L. Sentidos de Lugar e de Topofilia. **Revista Geograficidade**, v.3, n.2. Rio Claro, São Paulo: 2013.

Recebido em: 25/04/2019

Publicado em: 31/05/2019